

## Lúcio Kowarick (1938-2020) - II



Por **CIBELE SALIBA RIZEK\***

Comentário sobre o livro do sociólogo Lúcio Kowarick

*Viver em risco* se dedica a descrever e analisar as vulnerabilidades da população pobre da maior cidade brasileira. Resultado de uma longa trajetória de pesquisa e reflexão constitui uma fonte preciosa de informações, mas também de questões que se repõem a cada capítulo, nos quais se ancoram conceitos e matrizes teóricas que podem e devem ser interrogadas, submetidas a contrapontos, ao crivo dos processos e das dinâmicas observadas. São armaduras de questões relativas à heterogeneidade da pobreza urbana, da população vulnerável, nomeada e observada de perto por meio das situações de moradia precária – cortiços na área central, periferias autoconstruídas e favelas.

Lúcio Kowarick, como se sabe, tem um lugar único por sua longa e fértil trajetória na pesquisa e na elucidação dos enigmas urbanos brasileiros. Não é demais lembrar, entre outros títulos, *São Paulo – 1975 crescimento e pobreza; A espoliação urbana* ou *Escritos urbanos*, nos quais questões presentes em *Viver em risco* já estavam esboçadas. *Viver em risco*, no entanto, traz um novo panorama, resultante de incursões etnográficas cujos achados são analisados a partir de abordagens que permitem uma ancoragem histórica e uma visão sociológica construída, inclusive, a partir de informações estatísticas secundárias. As três situações urbanas são assim perscrutadas de várias perspectivas que, ao se cruzarem, permitem que o leitor construa, com a ajuda das fotografias de Antonio Sagese, um quadro muito preciso do que significa “viver em risco” na São Paulo de hoje.

O livro recoloca dois grandes feixes de leitura da pobreza urbana e de suas vulnerabilidades, depois do fim das sociedades salariais constituídas ou imaginadas como horizonte a ser alcançado: a discussão americana pautada pela individualização e pela ótica da “culpabilização” das vítimas, mais ou menos moduladas pelo debate entre conservadores e liberais e, por outro lado, a discussão francesa em torno da responsabilização do Estado pelas formas da “exclusão” e pelo seu combate contra o que se identifica como fratura social ou desfiliação.

A vulnerabilidade brasileira e paulistana, analisada no segundo capítulo não se vincula estreitamente à matriz norte-americana nem à francesa. Está emoldurada pelo esforço de superação de um déficit de democracia política e pela longa e persistente permanência de um déficit de direitos civis e sociais.

Kowarick, buscando caracterizar nossa especificidade, remonta o debate brasileiro desde a questão da “marginalidade” e de seus desdobramentos e articulações com a teoria da dependência, passando pelas críticas e questionamentos em torno das questões do chamado “desenvolvimento dependente”, das formas de exclusão e inclusão perversa e funcional, instável e precária. Uma citação fornece o tom da recuperação desses marcos teóricos e de suas atualizações: “...se o socialismo saiu do horizonte dos ideais e das utopias e se, ademais, a ideia de revolução perdeu força mobilizadora porque, entre outras razões como Saturno, ela tem devorado seus filhos, permanece o vasto fosso que caracteriza o *apartheid* social de nossas cidades.”

Entre as “experiências de derrota” e a mentalidade de extermínio, as estratégias de “evitação”, a desconfiança e o medo como elementos estruturadores da sociabilidade, Kowarick apresenta uma pergunta que desenha diálogos e embates:

“quais discursos e ações dão conteúdo às questões sociais de nossa atualidade urbana em torno da problemática da desigualdade e injustiça?” Insatisfeito com as versões que explicam essa atualidade a partir de uma espécie de maldição de origem essencializada em um *ethos* de tristeza, cordialidade, miscigenação e conciliação, busca respostas e novos desafios que tragam para o primeiro plano os modos de vida da população em situações de vulnerabilidade urbana, entre permanências e transformações.

O primeiro feixe de questões, itinerários e personagens se desenha a partir do centro da cidade de São Paulo e de seus cortiços. Nômades urbanos, andarilhos de lugar em lugar, de emprego em emprego, de cortiço em cortiço, em contiguidade com migrantes que constituíram famílias e se instalaram de modo um pouco mais estável em casas de cômodos, a questão da proximidade que é a grande característica do morar no centro vai ganhando nitidez. Potencialidades e vulnerabilidades, políticas urbanas moldadas por diferentes concepções – que ora enfatizam a participação ora a delegação – e as fotografias que flagram fluxos e situações da cidade permitem que a experiência de seus moradores, flagrada em sua história, em suas dimensões sociológicas e etnográficas tomem corpo.

As periferias são objeto do capítulo seguinte, sua constituição como momento da história da cidade e como conformação territorial comparece acompanhada de seu duplo – a casa própria autoconstruída e seus significados. Ao gosto e de certo modo como uma necessidade da estrutura narrativa e de análise, o capítulo termina com um pergunta – vale a pena construir? – e muitas respostas complexas, difíceis, variáveis “... mas, na opinião daqueles que entraram neste espoliativo processo, no final das contas, por vários motivos, se chega a uma opinião favorável: apesar de todos os pesares”.

O capítulo 5 discute a forma mais recente de moradia popular na cidade – as favelas. É preciso observar que favelas e periferias são lugares de algum estranhamento recíproco, ainda que se aproximem crescentemente, tanto territorialmente quanto como modos de inserção urbana. As favelas são a forma de moradia de cerca de 8,7% da população da cidade. Entre urbanizações e remoções, entre ter e não ter direitos, ter e não ter a propriedade do terreno, essa população bastante heterogênea se equilibra ora se estabelecendo, ora – quando possível – desejando se mudar.

Nos três capítulos sobre moradia e vulnerabilidade uma questão se faz presente, atravessando práticas, discursos e formas de um saber que nasce no solo dessas experiências. Trata-se das dimensões da violência, frequentemente agravadas pela imposição do silêncio, que modulam relações e modos de vida a partir de seu crescimento. Na percepção de vulnerabilidades e de violências, na experiência da humilhação e na denegação do reconhecimento e dos direitos, ganham corpo as heterogeneidades, as vantagens e desvantagens das situações de moradia e de inserção na cidade daqueles que vivem de risco, que vivem na corda bamba na maior e mais rica cidade brasileira.

Uma última referência dá concretude ao título do livro. Em todas as situações de pesquisa (loteamentos, favela e cortiços) “os entrevistados conhecem o local onde estão os bandidos (...) tiveram parentes próximos assassinados, viram pessoas mortas pelas ruas e todos sabem onde se localizam os traficantes (...) são trabalhadores que evitam e temem a presença de criminosos, pois sabem do perigo de ser atingido pelas balas ou ser confundido pelo arbítrio da ação policial: a sensação de “viver em risco” é algo arraigado no cotidiano das pessoas, principalmente nos locais ermos, mal-iluminados, aonde a política só chega depois do crime”.

**\*Cibele Saliba Rizek** é professora do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da USP e organizadora de A era da indeterminação (Boitempo).

Publicado originalmente no *Jornal de Resenhas*, nº. 9, maio de 2010

## Referência

---

Lúcio Kowarick. *Viver em risco*. São Paulo, Editora 34, 320 págs.